



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SÃO BERNARDO**  
**LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

MARIA SAMIRA DE OLIVEIRA ROCHA

**A DIFICULDADE DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA**

São Bernardo – MA

2024

## A DIFICULDADE DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA<sup>1</sup>

Maria Samira de Oliveira Rocha<sup>2</sup>

**RESUMO:** O artigo trata a questão da dificuldade de aprendizagem nos processos de aquisição da leitura e escrita e como ela é trabalhada no desenvolvimento escolar. Nesse sentido, tem como objetivo investigar como é o desenvolvido do ensino da leitura e da escrita durante o processo de alfabetização, bem como as dificuldades mais recorrentes. A pesquisa é de cunho teórico-bibliográfica, amparada em autores como: Kock (2006), Soares (2017), Cagliari (1998), dentre outros. À guisa de conclusão, verificou-se que a maioria dos problemas de aprendizagem encontrados no ambiente escolar seriam decorrentes de uma variedade de fatores, os quais podem ser familiares, emocionais, pedagógicos e sociais

**Palavras-chave:** Aprendizagem. Dificuldade. Escrita. Leitura.

### 1 INTRODUÇÃO

É importante enfatizar que esse tema teve uma pauta inicial relacionado a minha regência de estágio, onde pude observar as principais características nesse processo de dificuldade de aquisição da leitura e da escrita. Todas essas evidências que irei discorrer se situa na realidade escolar.

É no primeiro ano do Ensino Fundamental, que a criança começa a desenvolver a leitura e a escrita. Este procedimento, porém, vai muito além de certas técnicas de translação da linguagem oral para a linguagem escrita. O domínio da leitura e da escrita pressupõe o aumento do domínio da linguagem oral, da consciência metalinguística (isto é, da capacidade de manipular e refletir intencionalmente sobre a linguagem).

Sendo assim, o presente artigo traz como temática: A dificuldade de aquisição da leitura e da escrita, fazendo-se necessário apresentar como problemática: Que dificuldades os alunos apresentam durante o processo de aquisição da leitura e escrita? Neste sentido, tem por objetivo geral mostrar como é desenvolvido o ensino da leitura durante o processo de alfabetização, bem como as dificuldades mais recorrentes no ensino-aprendizagem. Tendo os seguintes objetivos específicos: 1) Distinguir alfabetização e letramento; 2) Identificar as principais dificuldades na

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado a coordenação do curso como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, sendo orientado pela Dr<sup>a</sup> Karine Martins Sobral, A Dificuldade de Aquisição Da Leitura e da Escrita.

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia. E-mail: maria.samira@discente.ufma.br.

aquisição da leitura e escrita; 3) analisar a importância do professor no processo de aquisição da leitura e da escrita.

Como procedimento metodológico, fez-se uma abordagem bibliográfica, com uma análise qualitativa, a qual necessitou-se fazer o embasamento teórico sobre as dificuldades de aprendizagem em seus processos fonológicos, morfológicos, leitura e escrita, baseando-se nos seguintes autores: Baldi (2009), Cagliari (2009), Martins (2006), e outros que foram relevantes para a construção deste trabalho. Assim, compreendeu-se que as dificuldades de aprendizagem são definidas como problemas que interferem no domínio de habilidades básicas escolares, e, portanto, é um dos processos que necessitam do acompanhamento de profissionais qualificados como, o psicopedagogo, psicólogo, professor entre outros que enriquecerão o desenvolvimento do aluno.

## **2 CONCEPÇÕES DE LEITURA E ESCRITA**

A leitura tem importância fundamental na vida das pessoas. A necessidade de leitura está posta entre nós, haja vista, que proporciona a obtenção de informações em relação a qualquer contexto e área de conhecimento, sem contar o conhecimento de mundo que proporciona aos indivíduos. É uma forma de aprendizagem a qual promove o crescimento, mudanças, transformações que se estabelecem na vida das pessoas que a utilizam diariamente. Quando se trata do ensino, é importante levar em consideração que, apesar de as crianças possuírem numerosos e relevantes conhecimentos sobre a leitura e a escrita, sempre podem adquirir mais saberes.

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação de texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor de tudo o que sabe sobre a linguagem. Não se trata de extrair informações decodificadas letra por letra, palavra por palavra (Kock, 2006. p. 12).

A atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Tal presença marcante e abrangente começa no período de alfabetização, quando a criança passa a compreender o significado potencial da mensagem registrada através da escrita, ou seja, partindo de códigos.

A leitura é importante porque nos proporciona novos conhecimentos, mas o leitor preexiste a escrita, pois seus conhecimentos e experiências pessoais

possibilitam-no a ver o mundo com outros olhos. Quando o leitor lê algo de que já tinha certo conhecimento e relaciona-o, surgem dois tipos de saberes: o científico e o vulgar, em que se verifica notar que a leitura vai além da escrita. A partir do momento em que se lê com sentimentos, com emoção e razão, pode-se perceber que a leitura não se limita apenas à escrita, mas também às coisas, aos seres e ao mundo que nos rodeia, repleto de informações dos mais variados tipos, indo desde a escrita, a leitura de imagens e sons.

Para o desenvolvimento desta aprendizagem é necessário que a criança seja alfabetizada e letrada. Sendo assim, a alfabetização é um processo através do qual as pessoas aprendem a ler e a escrever. Para Mortatti (2011), a alfabetização é vista como um instrumento privilegiado de aquisição de saber que traz esclarecimento, sendo um importante mecanismo para o desenvolvimento social.

A alfabetização emerge como um privilégio crucial no contexto do conhecimento na sociedade contemporânea, impulsionando seu desenvolvimento e progresso. Nos dias de hoje, ser alfabetizado representa um mecanismo político vital para conquistar autonomia e cidadania plena. Hamzé (2024) define que alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.

No ambiente escolar, de acordo com Soares (2017), a alfabetização deve acontecer, concomitantemente, ao letramento, que se caracteriza como o uso social da leitura e da escrita, que já está, de certa forma, adquirido pelo educando. Essa inserção se inicia antes da alfabetização propriamente dita, considerando que o indivíduo participa ativamente das práticas de letramento em seu ambiente social, utilizando o conhecimento adquirido no dia a dia para interagir com a sociedade. Essa interação não só reflete sua familiaridade com a leitura e a escrita, mas também sua capacidade de compreender e aplicar conhecimentos científicos para dominar essas habilidades.

Uma boa estratégia de leitura é de suma importância para a etapa inicial de pesquisa escolar, uma vez que o aluno irá selecionar as fontes julgadas mais relevantes, e que correspondem ao assunto procurado, destacando, conseqüentemente, outros textos considerados adequados ou inadequados aos seus objetivos de trabalho. Por esse motivo, o correto é desenvolver o interesse e o hábito pela leitura como um processo constante, que começa em casa, aperfeiçoa-se na

escola desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental e Médio e continua pela vida inteira.

Existem diversos fatores que influenciam o interesse pela leitura, como é um instrumento de acesso à cultura e de aquisição de experiências. Martins (2006, p. 44) destaca que:

Ao trabalhar, como membro que é de uma equipe de uma escola, o professor está interessado em que seus alunos adquiram experiências. Estas experiências podem ser adquiridas através de um livro-texto, com texto elaborado e mimeografado, através da discussão em grupos, de pesquisas bibliográficas e de campo [...]. O termo experiências deve ser concebido aqui no seu sentido mais amplo.

Neste sentido, o professor deve utilizar os conhecimentos prévios do seu alunado para que possam adquirir outras experiências vividas pelo indivíduo nas suas relações com o mundo e suas percepções específicas, sendo que através da leitura que o aluno faz a compreensão de determinado texto ou conteúdo e nota-se a importância que a leitura exerce na vida do indivíduo. Deste modo, de acordo com a fala de Marluce (2013), o professor precisa valorizar o que a criança já sabe desde os primeiros momentos de vida escolar. É preciso conscientizar o professor de que as crianças quando chegam à escola, já sabem de várias coisas sobre a língua materna. O conhecimento passa a ser construído através da interação do sujeito com o objeto, cabendo ao professor criar oportunidades que venham a favorecer o desenvolvimento da escrita através das próprias experiências que o aluno traz do meio onde vive ocasionando assim uma situação de ensino aprendizagem.

Vários autores discutem sobre a escrita que transcende a mera função escolar, que a escrita vai além de ser apenas algo ensinado nas escolas. Ela é vista como um elemento cultural que é resultado do trabalho conjunto de toda a humanidade ao longo do tempo. A escrita não é algo isolado, mas sim influenciado pelas interações entre as pessoas e pelas diversas realidades sociais em que estão inseridas. Dessa forma, aprender a escrever não é apenas um processo educacional, mas também uma habilidade que é adquirida através do interesse pessoal de cada indivíduo, das influências do grupo ao qual pertence e das demandas e valores da sociedade em que vive.

Ler e escrever são processos distintos e complementares que exigem diferentes habilidades, competências, ações e que por sua vez, variam de acordo com cada tipo de texto. A leitura e a escrita é um processo que o indivíduo começa a desenvolver desde criança, em contato com diversos tipos de textos, inclusive de histórias infantis e de contos de fadas, como por exemplo.

Sendo assim, o ato de ler ativa uma série de ações educativas na mente do leitor, por meio das quais ele extrai informações, e desenvolve sua imaginação, fazendo com que viaje sem sair do lugar. Essas ações educativas são denominadas estratégias de leitura e, na sua maioria, passam despercebidas pela consciência. Elas ocorrem simultaneamente, podendo ser mantidas, modificadas ou desenvolvidas durante a apropriação do conteúdo. Assim, o ato de ler é um processo de interação entre o leitor e o texto, é um processo mediante o qual o primeiro tenta satisfazer os objetivos que norteiam sua leitura. Como afirma Geraldi:

Aprender a ler é, ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente e, por interagimos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, as gentes e suas relações. Isto é ler (Geraldi *apud* Maia, 2007, p.28-29).

A leitura enriquece a mente humana para um mundo de conhecimentos, permitindo-nos vivenciar o entendimento de um determinado contexto e o poder da transformação de um texto no sentido amplo para um futuro brilhante de desenvolvimento e grandes descobertas. E também possibilita que o indivíduo se desenvolva no ambiente escolar favorecendo a construção do conhecimento, pois, nessa prática o professor possibilitará a criança as oportunidades que influenciam no seu processo de aprendizagem.

A alfabetização é o método para desenvolver o conhecimento da escrita e leitura e o letramento amplia o uso da leitura e da escrita nas práticas sociais, visto que é algo essencial na formação pessoal e acadêmica. Uma pessoa pode ser alfabetizada e não ser letrada, ou seja, sabe ler e escrever, mas não sabe fazer uso social da leitura e da interpretação. Pode-se entender que essa diferenciação é devido ao fato da alfabetização referir-se ao processo de aprender a ler e escrever, ou seja, adquirir as habilidades básicas de decodificação de letras e palavras, compreensão de textos escritos e produção de textos escritos. Por outro lado, o letramento vai além

da simples habilidade de ler e escrever, envolvendo a capacidade de usar essas habilidades de forma eficaz em diversas situações sociais e contextos culturais.

Durante o processo de alfabetização, a principal preocupação é a que os indivíduos sejam capazes de ler e escrever, no entanto, é necessário alfabetizar na perspectiva do letramento. Como afirma Solé (1998, p. 50), “Alfabetização é um processo através do qual as pessoas aprendem a ler e a escrever. Esses procedimentos, porém, vão muito além de certas técnicas de translação da linguagem oral para a linguagem escrita”. No entanto, a leitura e a escrita não podem ficar estagnadas, é necessário muito mais do que a translação da linguagem oral para a escrita e vice e versa.

Pode-se dizer então que o ato de ler envolve todos os sentidos, as emoções e a razão se detêm no fundamento, com isto, a leitura também envolve a razão, pois requer análise, reflexão e compreensão do conteúdo e do contexto vivenciado. Isso inclui entender as ideias apresentadas no texto, fazer conexões com conhecimentos prévios e avaliar criticamente o que está sendo lido. Segundo Rudolf Arnheim (1954), pode-se pensar nos três níveis básicos de leitura: sensorial, relacionado à percepção dos estímulos físicos do texto; emocional, ligado às respostas afetivas que o texto evoca; e racional, associado à compreensão e análise do conteúdo. Esses três níveis se inter-relacionam durante o processo de leitura, contribuindo para uma experiência completa e significativa, e perceberá a configuração de três níveis básicos de leitura os quais são possíveis de visualização como: nível sensorial, emocional e racional. Conforme a conceituação de Sicsú e Pantoja (2015): O leitor questionador, por exemplo, é um leitor que assume uma postura diante de textos científicos com certo grau de amadurecimento intelectual e que nós vamos nos referir, nesta abordagem, a este leitor como leitor racional. O leitor sensorial é aquele que se relaciona com os acontecimentos, com a leitura de objetos, atribuindo sentido a ações e coisas e não necessariamente ele o fará através da leitura da escrita. E este leitor, diferentemente do leitor racional, faz uma relação dos objetos e das ações de acordo com suas experiências de vida e só será possível atribuir sentido a essas coisas e ações se ele já tiver assimilado o significado delas, e assim ele irá interagir com esse tipo de leitura diretamente. O leitor emocional é aquele leitor que se identifica com o texto, consegue se encontrar nas ideias do autor e se contextualizar. Este leitor geralmente lê por prazer porque lê o que gosta. A leitura emocional é uma leitura de mais fácil entendimento e por isso, quase sempre o leitor se deixar influenciar pelo texto.

O conceito de alfabetização, por muito tempo, ficou atrelado à ideia de que para aprender a ler, era necessário apenas a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e para aprender a escrever era indispensável apenas desenvolver a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos, mas com o passar do tempo, os estudos mostraram aparatos diferentes. De acordo com Cagliari:

O processo de alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais (Cagliari *apud* Bizzoto 2010, p. 36).

Sendo assim, o processo de alfabetização, deve possibilitar que a criança se desenvolva no ambiente escolar favorecendo a construção do conhecimento, pois, nessa prática o professor possibilitará a ela as oportunidades que influenciam no seu processo de aprendizagem, despertando sua curiosidade e vontade de saber o que é, como é, enfim, desenvolve seu questionamento.

Para Soares (2012), alfabetizar é o ato de ensinar o aluno a ler e escrever, tornando-o um indivíduo alfabetizado. Já letrado é o indivíduo que não só sabe ler e escrever, mas que também sabe fazer o uso desse saber nas suas práticas sociais. Segundo a autora, um aluno que aprende a ler e a escrever se torna alfabetizado, mas é no uso frequente e competente das práticas sociais de leitura e de escrita que se torna letrado. Esse indivíduo precisa viver na condição de quem sabe ler e escrever e praticar a leitura e a escrita.

Ainda segundo a autora em questão, a necessidade de reconhecimento da especificidade da alfabetização é entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico. A criança que inicia na alfabetização já é um falante capaz de entender e falar a língua portuguesa com desembaraço e precisão nas circunstâncias de sua vida, em que precisa usar a linguagem. Porém, ela ainda não sabe escrever nem ler. Uma das primeiras formas

de dificuldade é a aquisição, concomitante, que envolve dois processos fundamentalmente diferentes: ler e escrever. Nas palavras de Smith:

Ler e escrever são processos frequentemente vistos como imagens espelhadas uma da outra, como reflexos sob ângulos opostos de um mesmo fenômeno: a comunicação através da língua escrita. Mas há diferenças fundamentais entre as habilidades e conhecimentos empregados na leitura e aqueles empregados na escrita, assim como há diferenças consideráveis entre os processos envolvidos na aprendizagem da leitura e os envolvidos na aprendizagem (Smith, 1973, p. 117).

Observou-se assim, que apesar dessas diferenças “fundamentais”, as definições de letramento frequentemente tomam a leitura e a escrita como uma mesma e única habilidade, desconsiderando as peculiaridades de cada uma e as dessemelhanças entre.

Para Soares (1998), o Letramento é o resultado da ação de ensinar e apreender as práticas sociais de leitura e escrita; é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequências de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais. O papel da escola no desenvolvimento e aquisição de conhecimentos do indivíduo, que se inicia antes mesmo do estudo formal, pois antes de começar a estudar de forma sistematizada, a criança já está exposta e vivencia os usos sociais da escrita, observando e interagindo com o mundo ao seu redor. Esse contato inicial contribui para a percepção e entendimento do sistema escrito.

A alfabetização e o letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades. Porém, ambos são indispensáveis a aprendizagem da leitura e da escrita. O ambiente escolar precisa ser um ambiente alfabetizador, onde a criança será estimulada não só a descobrir o significado de cada texto, mas, produzir o seu próprio texto. Para trabalhar a alfabetização e o letramento, o professor precisa criar oportunidades em que a criança possa vivenciar atos de leitura e escrita.

### **3 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E DA ESCRITA**

Aprendizagem é um processo de mudança de comportamento obtido através da experiência construída por fatores emocionais, neurológicos, relacionais e ambientais, ou seja, é um processo pelo qual as competências, habilidades,

conhecimentos, comportamento ou valores são adquiridos ou modificados, como resultado de estudo, experiência, formação, raciocínio e observação.

Como afirma Smith (2007), o desenvolvimento individual das crianças em sua maioria é influenciado por sua família, pela escola e pelo ambiente da comunidade. Embora, supostamente as dificuldades de aprendizagem tenham uma base biológica, com frequência é o ambiente da criança que determina a gravidade do impacto da dificuldade. Por isso, o desenvolvimento individual das crianças é amplamente influenciado por três principais fatores: a família, a escola e o ambiente da comunidade.

O termo "Dificuldades de Aprendizagem" denominado por Kirk foi fundamental para mudanças de concepções, deslocando do componente clínico para o educacional, identificando as crianças com Dificuldades de aprendizagem (Reid; Lienemann; Hagaman, 2013). Alinhando-se com as mesmas concepções de Ciasca:

As dificuldades de aprendizagem correspondem a uma categoria ampla de fenômenos que podem influenciar negativamente o aprendizado. Abrangem os problemas de aprendizagem e os problemas escolares, isto é, o modo como a escola lida com o processo de ensino-aprendizagem. Enquanto os problemas de aprendizagem concentram o peso da dificuldade no aluno, as dificuldades de aprendizagem incluem os fatores externos ao aluno. No caso da escola, são os problemas de origem pedagógica (Ciasca *apud* Leite, 2012, p. 16).

A definição de dificuldade de aprendizagem é complexa e desafiadora para os profissionais da educação porque abrange múltiplas dimensões do aluno. Segundo Vygotsky (1998), tais eles como: 1) os fatores cognitivos, que se referem às habilidades mentais do aluno, como atenção, memória, raciocínio e capacidade de processamento de informações, ocasionando problemas na capacidade de aprender de forma eficiente e rápida; 2) de desenvolvimento, quando se refere ao crescimento físico, emocional e social do aluno, prejudicando a capacidade de aprendizagem; 3) nos aspectos comportamentais, quando se relaciona aos padrões de comportamento e interação social do aluno, como por exemplo, a desatenção, hiperatividade ou dificuldades em interagir com os demais ao seu redor. Os profissionais da educação precisam considerar todas essas dimensões para identificar e apoiar adequadamente os alunos com dificuldades de aprendizagem, o que torna a tarefa bastante complexa.

Nesta perspectiva, porém mais atualizada, Adelman (1992) apresentou uma "Perspectiva Transacional" sugerindo a existência de um continuum de dificuldades de aprendizagem, definindo fatores do tipo I, II e III, que serão apresentados a seguir:

Tipo I: as dificuldades de aprendizagem são causadas por fatores exteriores ao indivíduo, podendo ser classificados em:

- Primários: programas instrucionais pobres e negligência parental;
- Secundários: escolas e vizinhanças isoladas;
- Terciários: influências sociais, econômicas, políticas e culturais.

Tipo II: as dificuldades de aprendizagem são oriundas da interação recíproca entre o indivíduo e o ambiente. Para este tipo, são consideradas as pessoas que têm alguns fatores internos que podem predispor-las às dificuldades de aprendizagens em algumas situações de ensino-aprendizagem envolvendo também as situações de envolvimento com o meio.

Tipo III: as dificuldades de aprendizagem são causadas por fatores internos ao indivíduo: disfunções neurológicas, déficits nas habilidades cognitivas e/ou nas estratégias, e as diferenças desenvolvimentais e/ou motivacionais. Neste caso mesmo em uma situação de bom ensino as dificuldades estarão presentes. (Adelman *apud* Tonini, 2005, p. 14).

Sendo assim, como visto, as dificuldades de aprendizagem são simples indicadoras de comportamentos desadaptativos e, portanto, podem ser modificados pelas mesmas técnicas utilizadas com outros transtornos comportamentais. Assim, as dificuldades de aprendizagem e o insucesso escolar derivam da falta de incentivos, reforços, participação, de comportamentos inadequados à situação de ensino, desconsiderando as possíveis deficiências de processamento por parte da criança.

Para que se possa compreender as dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita é necessário também ter em mente, como são os ambientes familiar e escolar do aluno, pois estes afetam seu desenvolvimento intelectual e seu potencial para a aprendizagem. Por isso, é importante que os professores possam se situar acerca da situação real de vida dessa criança e criar um conjunto definido e contextualizado de conhecimentos, para que os seus alunos aprendam, dando condições necessárias para procederem às direções que auxiliam as aprendizagens com sucesso, sem deixar de lado uma seleção de material, pois é uma fonte de informação e fundamental no trabalho do professor.

Acredita-se que a maioria dos problemas de aprendizagem encontrados no ambiente escolar seriam decorrentes de uma variedade de fatores, os quais podem ser familiares, emocionais, pedagógicos e sociais. Por isso, os docentes, além de

observarem o comportamento, as dificuldades de seus alunos, devem conhecer suas vidas, e como se relacionam entre escola e casa. A escola é o ambiente de interação onde o aluno deverá ter a oportunidade de interagir com uma diversidade de textos orais e escritos que tenham características linguísticas particulares e que possam ser em muitos aspectos, diferentes dos que fazem parte do seu dia-a-dia.

As dificuldades de aprendizagem são definidas como problemas que interferem no domínio de habilidades básicas. Portanto, é um processo que requer apoio e acompanhamento de vários profissionais, como psicopedagogo, psicólogo, além do professor. Os problemas de aprendizagem de um aluno envolvem uma avaliação abrangente, na qual o objetivo é introduzir os quatro tipos básicos de deficiência e descrever como cada uma afeta o desempenho e o desenvolvimento escolar de um aluno.

A fim de obterem progresso intelectual, os alunos devem não apenas estarem prontos a serem capazes de aprender, mas também devem ter oportunidades apropriadas de aprendizagem. Se o sistema educacional não oferece isso, os alunos talvez nunca possam desenvolver sua faixa plena de capacidade, tornando-se efetivamente “deficientes”, embora não haja nada de fisicamente errado com eles. Infelizmente muitos alunos devem dar o melhor de si sob condição menos que ótimas nas escolas de nosso país. (Smith; Strick *apud* Saravali, 2007, p. 122).

Sendo assim, é necessário que o processo da aprendizagem dos alunos com dificuldades, seja através de metodologias capazes de priorizar a construção do conhecimento, seja o que já possui, e os novos que serão aprendidos. Por isso, cabe ao professor estabelecer uma pedagogia mais realista, com objetivos claros e possíveis de serem atingidos dentro da realidade social e integrante da formação global do ser humano.

É importante ressaltar que muitos alunos têm dificuldades em aprender, pois a leitura e escrita é um dos principais problemas enfrentados por eles durante o processo de ensino, de tal modo, percebe-se a importância do acompanhamento dos pais e professores nas tarefas escolares, para que juntos possam detectar eventuais problemas com seu alunado. Com relação ao acompanhamento familiar, de acordo com Parolin (2010):

Os responsáveis por transmitir valores e atitudes às crianças é a família em parceria com a escola. Hoje, as crianças vão cada vez mais

cedo para as escolas de Educação Infantil, originando uma nova adaptação para os professores e para a escola. Sendo assim, o desenvolvimento da aprendizagem da criança ocorre dependendo dos movimentos desta parceria. A família contribui para que ela possa se descobrir, se aceitar e sentir-se confiante em sua realidade, encarando as complexidades para adquirir novas aprendizagens.

Além disso, o educador durante o processo de alfabetização e letramento, deve averiguar todos os aspectos que podem contribuir para o surgimento das dificuldades de aprendizagem, e com isso consiga intervir da melhor maneira possível em seu aprendizado, contribuindo para realmente ocorrer uma aprendizagem verídica da leitura e da escrita. No entanto, é no decorrer da aprendizagem da leitura e da escrita que se concentram os problemas que levam os alunos ao fracasso escolar, e a desistência, levando a evasão escolar, e desmotivação.

Por isso, é importante ter uma boa relação entre família e escola, e que a família se centre na preocupação com o processo dos filhos na escola, e durante todo o processo alguns pais deverão procurar meios assistencialistas, como médicos especializados, pois a escola muitas vezes não dispõe de tais profissionais. Assim, é indispensável que os pais se preocupem com o desenvolvimento dos filhos na escola, tendo uma participação ativa diante esse processo.

Atualmente, o dia a dia dos alunos que ingressam nas séries iniciais, mostra-se preocupante, considerando que a cada momento, o educador encontra-se diante de diversos obstáculos, principalmente quando se refere ao gosto e apreço à leitura e suas interpretações por parte dos alunos. Sabe-se que cada aluno apresenta suas dificuldades peculiares, onde alguns tem dificuldades para escrever, expressar suas emoções, falar etc. Nessa situação, o professor precisa estar atento a essas dificuldades, reconhecendo que na fase inicial, a criança absorve o que lhe é repassado e incorpora valores que no decorrer da vida escolar, se diferem com outros, podendo gerar conflito ou dificuldades, e que necessita de ajuda e de um olhar atento.

#### **4 A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA**

Inicialmente é importante enfatizar a importância do papel dos professores em sala de aula, pois é um ponto bastante contextualizado em relação de como os professores colabora no desenvolvimento aquisitivo da leitura e escrita. Um dos

primeiros pontos bastante comuns é a maneira como os professores é cobrado em sala de aula tanto da parte escolar como familiar de seus alunos. Há inúmeros conceitos contextualizados em artigos, livros palestras etc. de como os professores deve trabalhar em sala de aula, relativamente essas questões teóricas não funcionam com todos os alunos. Mas, afinal esses são um dos motivos pelos quais a educação é pensada no processo inclusivo com relação aos alunos em geral.

Freire (1996, p. 86) ressalta que o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é um desafio e não uma “cantiga de ninar”. O professor deve estar consciente de que a curiosidade humana é a base fundamental do conhecimento. É a curiosidade que nos impulsiona a questionar, a explorar, a descobrir e a compreender. É por meio dela que buscamos respostas, nos envolvemos ativamente no aprendizado e reconhecemos o mundo ao nosso redor. Vemos que o papel do professor em sala de aula principalmente ao desenvolver a leitura é analisar quais são as dificuldades em decorrência nesse processo aquisitivo. Vale lembrar que não basta apenas saber conhecer as palavras, mas sim dar continuidade em analisar as diversas formas de como essas palavras se expressam através de frases ou textos.

O professor e sua relação com a aprendizagem trazem um conceito que ressalta que todo conhecimento é precedente à experiência, sendo, portanto, resultado de estruturas racionais que já se encontravam pré-formadas no indivíduo. Esta corrente de aprendizagem trabalha com estruturas mentais organizadas, numa postura extremamente oposta ao behaviorismo (Giusta, 1985). Assim, podemos dizer que o professor assume o papel de facilitador, atuando como um auxiliar do estudante. Reconhecendo que o aluno já possui conhecimentos prévios, o professor ajuda a trazer esses conhecimentos à consciência, a organizá-los e, se necessário, expandi-los. A intervenção do professor é mínima, baseada na crença de que o aluno é capaz de aprender por si mesmo, com o professor auxiliando no processo de aprendizagem.

A análise da leitura interpretativa é uma das dificuldades bastante recorrentes em sala de aula, sendo que os alunos sabem ler, mas não sabem interpretar o que foi lido mesmo em textos de linguagem direta sem nada muito formal trazendo consigo a dificuldade de escrever. É algo que ocorre no início de sua aprendizagem e se não solucionado, se arrasta por muito tempo, e prejudica seu ensino aprendizagem nas demais disciplinas, e não somente na Língua Portuguesa. Sendo assim, entra o papel do professor em analisar como os alunos podem se expressar através da escrita

sendo que não consegue compreender e interpretar o que acabou de ler? Essa pergunta é um ponto chave para discorrer esse assunto, pois se analisar a maneira como os alunos leem um texto a mente deles na maioria das vezes está programada em reproduzir as mesmas palavras colocadas em um texto o que de fato é um problema.

Conforme a análise de Harper (1992, p.63): Quanto mais jovem o aluno, maior a necessidade de utilizar recursos variados e não apenas “saliva e giz”. É importante despertar todos os sentidos ao ensinar, como por exemplo, ao explicar conceitos, podemos recorrer a exemplos que apelam para a visão, audição, olfato, paladar e tato, tornando a aprendizagem mais envolvente. Vale ressaltar que o importante é entender o conteúdo é não decorar. Assim vemos que a leitura serve como uma base para que seja interpretada e desenvolvida de acordo com o conhecimento de cada um. Quando se tem uma leitura ruim, ao:

Aprender a ler como se a leitura fosse um ato mecânico, separado da compreensão é um desastre que acontece todos os dias. Estudar palavras soltas, sílabas isoladas, ler textos idiotas e repetir sem fim exercícios de cópia, resulta em desinteresse e rejeição em relação à escrita (Carvalho, 2001, p.11).

E por isso que os professores sempre estão buscando maneiras de desprogramar essa leitura que acaba se tornando algo bastante prejudicial ao desenvolver a escrita; uma dessas maneiras é o cuidado em que o professor tem em projetar slides para chamar a atenção dos alunos em decorrência ao conteúdo sem estar muito voltado a didática do livro, trabalhos manuais feitos de cartolina, projetos para discorrer um determinado tema, passeios ao ar livre para conhecer fatos históricos ou lugares em decorrência da importância social. Todos esses critérios servem para que o aluno não se prenda apenas nos conceitos e teorias didáticas expressamente escritas em livros, mas sim fazer com que eles entendam sobre determinado assunto. Todos esses aspectos trazem benefícios, pois quando o aluno estiver compreendendo sobre determinado conteúdo ele tem dúvidas e a partir do momento em que ele tem dúvidas o seu pensamento crítico e analítico vai se desenvolvendo, e ele vai buscar sanar suas incertezas.

Chegando assim no despertar dos alunos em pesquisar mais a fundo para responder suas dúvidas e questões, tanto por si só ou levando essa dúvida diretamente ao professor ou a busca na internet. Todos esses pontos citados quando

efetuados em sala de aula sem a restrição somente pela didática do livro traz eventualmente a melhoria da leitura porque a leitura está relacionada com interpretação e conhecimento de mundo e não apenas um decoreba ao pontualíssimo automático nas palavras dos textos.

A partir do momento em que o professor estimula a leitura em sala de aula aos seus alunos e traz um conhecimento de mundo para a sala de aula ou em outro ambiente, fazendo com que a leitura se torne mais atrativa e compreensível, tornando-se assim a leitura como algo prazeroso e não aterrorizante. Trazendo resultados positivos aos alunos para que fiquem confiantes em explorar a leitura fora do ambiente escolar, contribuindo com a formação analítica crítica que resulta ao gatilho de uma escrita interpretativa, analítica, expressiva e contextualizada. Como podemos confirmar na afirmação de Souza (2004 p.56): “O mediador é capaz de enriquecer a interação do mediado com seu ambiente, utilizando ingredientes que não pertencem aos estímulos imediatos, mas que preparam a estrutura cognitiva desse mediado para ir além dos estímulos recebidos, transcendendo-os”.

Esse ponto se justifica pelo fato de que os domínios das regras ortográficas permitem que as crianças pensem com mais liberdade sobre estruturas e ideias na hora de criar textos. Segundo Ferreiro (1992, p. 23): “o que acontece no primeiro ano da escola tem reflexos não apenas na alfabetização, mas na confiança básica que cerca toda a escolaridade posterior”. Portanto, não se espera que os alunos dominem a escrita ortográfica nos dois primeiros anos de escolaridade, pois existe uma formação acadêmica na escola primária inteira para essa formação básica, e necessita ser intensificada cada vez mais. Para que uma criança aprenda a escrever letras, é necessário começar a trabalhar na ortografia correta.

A tradição nas escolas é que para os professores superarem essas dificuldades, eles precisam repensar alguns conceitos de erros ortográficos, ou mesmo de suas ações estratégicas. Com isso, o professor deve ser um estrategista da educação, dedicando seu tempo a criar condições favoráveis para a prática do ensino. Ele deve estimular a curiosidade inerente a todos os seres humanos, promovendo uma docência dinâmica e ativa através da mediação e motivação. Essa abordagem facilita a comunicação entre desejo e emoções, capacitando seus alunos e transformando-os em indivíduos plenos de habilidades.

Sobre essas motivações, Boruchovitch, Bzuneck, (2009 p.71) afirmam que consiste em:

A motivação do aluno no contexto escolar é positivamente associada há um tipo de meta de realização que corresponde a um conjunto de cognições ou esquemas mentais envolvendo propósitos, crenças, atribuições e percepções que, por sua vez levam a decisões comportamentais e a reações afetivas. Cada meta de realização representa uma razão específica para o aluno aplicar esforços ou buscar outros objetivos desejáveis.

Dessa forma, o professor contradiz a imagem histórica da escola como uma instituição fracassada, demonstrando sucesso tanto em sua realização pessoal quanto na de seus alunos. Neste caso, é necessário incluir os esforços dos professores em prevenir a ocorrência de erros e corrigir aqueles que não podem ser evitados. Contudo, aceitar que os erros são inerentes ao processo de ensino não significa que a intervenção pedagógica não seja possível.

A prática do ensino de ortografia é cópia e escrita, ditado e ditado, sem estratégias de reflexão. Não se trata de punir ou corrigir erros das crianças. O ensino de línguas deve ser desenvolvido por meio de atividades que orientem os alunos à reflexão constante, com o uso da linguagem. Os professores devem ajudar os alunos na escrita e ortografia, o que deveria ser um dos objetivos da educação básica diariamente, como ponto de partida para o ensino aprendizagem.

Analisar os erros cometidos pelas crianças é um passo crucial para que os professores possam conceber atividades específicas que ajudem os alunos a superarem as suas limitações temporárias e a obter uma compreensão mais profunda da linguagem escrita. Baseado nessa análise, Hoffmann (2001) aponta a ação avaliativa como interpretação cuidadosa e abrangente das respostas do aluno frente a qualquer situação de aprendizagem, sendo necessário entendê-la como acompanhamento de uma trajetória. Além disso, é importante levar em consideração a diversidade cognitiva entre os alunos, pois promove um ambiente que alavanque a interação e a colaboração entre crianças com diversos níveis de conceituação no que diz respeito à escrita. Como nos afirma Rego (1995, p.74):

O aprendiz é o responsável por criar a zona de desenvolvimento proximal, na medida em que, em interação com outras pessoas, a criança é capaz de colocar em movimento vários processos de desenvolvimento que, sem ajuda externa, seriam impossíveis de ocorrer. Esses processos se internalizam e passam a fazer parte das aquisições do seu desenvolvimento individual.

Por isso, promover oportunidades para as crianças partilharem o seu trabalho escrito é igualmente vital, pois o compartilhamento de textos pode ocorrer de diversas maneiras, e o envolvimento em momentos interativos é fundamental para o avanço da aprendizagem, e troca de ideias e opiniões entre si. Assim, essa abordagem transmite aos alunos a importância da escrita como meio de comunicação e seu papel na sociedade. É de certa forma considerado um incentivo, uma forma delas verem que seu trabalho e desenvolvimento está sendo valorizado, e isso faz com que sintam-se motivada e queira se esforçar cada vez mais.

A língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões do mundo, produz o conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários da cidadania, direito inalienável de todos (PCNs, Brasil, 2001, p. 23).

No ensino da língua portuguesa, um grande desafio reside na incorporação do conhecimento linguístico num contexto que facilite um ensino significativo, ao mesmo tempo que enfatiza a importância de refletir sobre as regras e regularidades da língua, que tanto discentes e docentes sentem dificuldades em algum dado momento. Sob esse ponto de vista, é interessante analisar a raiz dessas dificuldades de aquisição, pois todas essas estruturações de decodificação explicitadas no texto vêm desde a escola primária, visto que, é no processo de alfabetização que as estratégias metodológicas dos professores se utilizam da decoreba do alfabeto, vogais e sílabas.

Assim, essas atribuições citadas acima foram de suma importância para atingir a meta da leitura e escrita no processo educacional principalmente a língua portuguesa. As práticas do ensino da leitura nas escolas primárias, consiste em proporcionar aos alunos a leitura apenas de textos curtos, como narrativas, além de poesias, na maioria das vezes como pano de fundo moral. Nessas práticas, o ensino da leitura é simplesmente a decodificação do texto. Portanto, precisam de algo mais intenso, que faça com que tenham mais leitura, raciocínios, reflexão, e que lhes tragam prazer na leitura, em fazer atividades, tarefas, em estudar enfim.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O desenvolvimento deste estudo possibilitou um olhar investigador sobre a questão da alfabetização e letramento, no que concerne à leitura e a escrita. Considerando tanto os aspectos básicos da aquisição da leitura e escrita (alfabetização) quanto sua aplicação prática e significativa em contextos sociais e culturais diversos (letramento), podemos dizer que nos mostrou desafios e estratégias relacionadas ao ensino e aprendizagem, bem como ao uso eficaz das habilidades de leitura e escrita no cotidiano das pessoas.

É relevante que no decorrer do processo educacional ao passar das séries, os professores estruturam essas práticas em um nível elevado para que seja eficiente e proporcional ao desenvolvimento cognitivo de ler e escrever. A prática do ensino da leitura nas escolas primárias, que consiste em proporcionar aos alunos a leitura apenas de textos curtos, como narrativas, além de poesias, na maioria das vezes como pano de fundo moral, onde o ensino nessas práticas, é o ensino da leitura simplesmente a decodificação do texto.

Por isso é importante que os professores compreendam as dificuldades das crianças para ajudá-las a progredir no seu desenvolvimento e na aprendizagem. Os professores devem estar dispostos a ouvir as perguntas e desejos dos alunos. Prestar atenção à diversidade de materiais didáticos e recursos educativos. Os livros didáticos são ferramentas de auxílio à prática docente e não devem ser os únicos recursos dos professores em sala de aula, devendo buscar metodologias e recursos diferentes. A partir do momento em que são utilizados materiais didáticos sociais, como livros, jornais, revistas, folhetos, anúncios, computadores, calculadoras e filmes, enriquecem ainda mais os conteúdos e tem chances significativas de ganhar atenção por completo dos alunos de forma participativa.

Os professores devem valorizar a integração da teoria e da prática na formação docente, reconhecer a importância do conhecimento experiencial e da reflexão crítica na melhoria da prática. Isso permite que os alunos desempenhem um papel ativo no processo de desenvolvimento cognitivo para saber se expressar após uma leitura e transferir a escrita e principalmente o desenvolvimento de espaços coletivos nas escolas.

Uma das maneiras nesse processo de integração é a forma como o professor avalia os alunos, como por exemplo, a prática de uma prova subjetiva, onde o professor pode observar os critérios da interpretação da leitura das questões e a forma expressiva de como a escrita está sendo imposta nessas questões. Conforme Luckesi

(2005) destaca que o papel da avaliação é diagnosticar a situação da aprendizagem, tendo em vista subsidiar a tomada de decisão para a melhoria da qualidade do desempenho do educando. Todas essas atribuições facilitam com o que o professor saiba a dificuldade individual de seus alunos e se de fato eles conseguiram absorver o conteúdo de maneira plausível, mesmo sem as respostas objetivas explicitamente escritas no texto como decoreba. Essa atribuição é um pequeno estímulo para fazer com o que os alunos desenvolvam a escrita expressiva e de julgamento, ou seja, seu senso crítico, com um pensamento independente e principalmente com uma interpretação e ideias de formalizar respostas decorrentes ao questionamento das oferecido na referida prova.

Embora a leitura deva ser uma prática contínua, o seu objetivo é desenvolver leitores competentes, ou seja, com competências para ler, escrever e compreender o discurso sociopolítico da nossa sociedade. A escola passa então a ser um meio de interação entre os alunos, proporcionando uma leitura de qualidade de diversas tipologias textuais. Muitas crianças chegam à escola sem oportunidade de interagir e familiarizar-se com diversos tipos de textos de acordo com sua realidade social. Os alunos que já leem e escrevem dentro e fora da escola fazem parte de diferentes contextos de aprendizagem.

Nessa perspectiva, a prática de leitura em sala de aula permite que os alunos tenham uma conexão de curto prazo com o mundo da leitura e sejam expostos a diversos mundos, formando assim leitores qualificados e com gosto de conhecer coisas novas. Para a produção de textos é necessário aprender um linguajar mais rebuscado, organizar temas interessantes, que garantam o interesse desse aluno e com isso consiga o desenvolvimento de habilidades proativas nas atividades de leitura e escrita. Desta forma, os professores enfrentam dificuldades na realização de diferentes atividades e na utilização de planos, tendo em conta a sua atitude comprometida com a aprendizagem, dando opiniões críticas e dando explicações sobre a sua produção e participação. Os professores devem esclarecer os seus próprios critérios de avaliação e garantir a finalidade do complexo processo de ensino. Em suma, o estudo contribuiu para uma compreensão mais completa e abrangente da complexidade envolvida nos processos de alfabetização e letramento.

## **REFERÊNCIAS**

BIZZOTO, Maria Inês (Orgs). **Alfabetização Linguística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, Jose Aloyseo. **A Motivação do Aluno**. **Vozes**, Petrópolis, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação e Desportos. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Vol. 02- Brasília, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CARVALHO, M. **Guia prático do Alfabetizador**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2001.

HARPER, Babette; et al. **Cuidado, escola**. 8ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1992.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 9 ed. São Paulo: Cortez: 1992

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1996.

HAMZE, Amelia. Alfabetização ou Letramento?. **Canal do Educador**. 2024. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/alfabetizacao.htm>>. Acesso em: 28 mai. 2024.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. Porto Alegre: **Educação & Realidade**, 1993/2001.

KOCK, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. 1. ed., São Paulo: **Contexto**, 2006.

LEITE, V. A. M. **Dimensões da Não Aprendizagem**. Curitiba, PR: IESDE, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática. 2 ed. Salvador: **Malabares Comunicações e eventos**, 2005.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARLUCE. A LEITURA E A ESCRITA NA ESCOLA E OS DESAFIOS ATUAIS. **Pedagogia ao Pé da Letra**, 2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/leitura-escrita-escola-desafios-atuais/>>. Acesso em: 28 de maio de 2024.

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. São Paulo. **Brasiliense**, 2006.

MORTATTI, M. R. L. Alfabetização no Brasil: uma história de sua história. Marília: **Cultura Acadêmica**, 2011.

PANTOJA, Luana de Vasconcelos; SICSÚ, Delma Pacheco. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E SEUS DIFERENTES NÍVEIS: uma reflexão acerca dos níveis de leitura. Campina Grande, Vol. 1 Ed. 4, ISSN 2316-1086, **Realize editora**, 2015. Disponível em: < chrome-extension://efaidnbnmnnibpcajpcglclefindmkaj/https://editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2015/TRABALHO\_EV050\_MD1\_SA16\_ID567\_09102015225620.pdf>. Acesso em: 27 mai. 2024.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. Professores Formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem. 2. ed., São José dos Campos: **Pulso Editorial**, 2019.

REGO, Tereza Cristina. Vygotsky Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação. **Vozes**, Petrópolis, 2003/1995.

REID, R.; Lienemann, T. O.; Hagaman, J. L. **Strategy Instruction for Students with Learning Disabilities**, Second Edition. The Guilford Press, 308 p. 2013.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. 6.ed. Porto Alegre: **Artemed**, 1998.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. Reimpressão. São Paulo: **Contexto**, 1998.

SOARES, M. Alfabetização: a questão dos métodos. São Paulo: **Contexto**, 2017.

SOARES, Magda. Alfabetização e letramento. Reimpressão. São Paulo: **Contexto**, 2012.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Tradução Claudia Schilling. Porto Alegre: **Artmed**, 1998.

SOUZA, Ana Maria Martins de. A Mediação como Princípio Educacional. **Senac**, São Paulo, 2004.

**ARNHEIM, Rudolf.** *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. 1. ed. Berkeley: University of California Press, 1954.

**VYGOTSKY, Lev S.** *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TONINI, Andréa. **Dificuldades de aprendizagem**: 4º semestre / [elaboração do conteúdo profa. Andréa Tonini, prof. Reinoldo Marquezan ; revisão pedagógica e de estilo profa. Ana Cláudia Pavão Siluk... [et al.]].- 1. ed. - Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2005.